

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

4/5



Edições
Colibri

◁▷↖↗↘↙⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿⋆⋇⋈⋉⋊⋋⋌⋍⋎⋏⋐⋑⋒⋓⋔⋕⋖⋗⋘⋙⋚⋛⋜⋝⋞⋟⋠⋡⋢⋣⋤⋥⋦⋧⋨⋩⋪⋫⋬⋭⋮⋯⋰⋱⋲⋳⋴⋵⋶⋷⋸⋹⋺⋻⋼⋽⋾⋿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓕⓖⓗⓘⓙⓚⓛⓜⓝⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿ⒶⒷⒸⒹⒺⒻⒼⒽⒾⒿⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓓⓔⓕⓖⓗⓘⓙⓚⓛⓜⓝⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿

mais queridos dos antigos Egípcios – esse admirável povo que, no dizer de Eça de Queirós em ágil recuo de quatro mil anos, é “polido, silencioso, vestido de linho branco, docemente caturra, que traz uma flor na mão, e saúda com reverência os gatos”...

Luís Manuel de Araújo

RICHARD H. WILKINSON, *Reading Egyptian Art. A Hieroglyphic Guide to Ancient Egyptian Painting and Sculpture*, Thames and Hudson Ltd, Londres, 1992, 224 pp., ISBN 0-500-27751-6

Richard H. Wilkinson, egiptólogo e docente da Universidade do Arizona, oferece-nos com este volume excelentemente ilustrado (quase quinhentas ilustrações), e com uma esmerada e cuidadosa apresentação gráfica, um airoso manual que mostra bem a ligação entre os signos hieroglíficos e a sua aplicação na iconografia decorativa. Dos cerca de 750 hieróglifos usados para a escrita do egípcio clássico foram seleccionados cem que aqui aparecem segundo a ordem dada por Sir Alan Gardiner na “Sign-list” da sua *Egyptian Grammar* (3ª edição, 1957).

O manuseamento do livro fica em muito facilitado com a identificação de cada um dos hieróglifos seleccionados no canto superior direito das páginas ímpares, acompanhado de um texto explicativo acerca do significado e da utilização do signo em causa. As páginas pares mostram imagens onde o hieróglifo participa já dissociado e solto das linhas de escrita com toda a autonomia ideológica do seu valor iconográfico.

Ao breve prefácio (p. 8) segue-se a Introduction (pp. 9-12), a qual inclui uma síntese sobre a história e a arte do antigo Egipto, dedicando algum espaço, como seria de esperar, às *medu netjer*, os hieróglifos, que são o tema do presente volume. A p. 13 insere uma tábua cronológica que reproduz a do *Atlas of Ancient Egypt*, de John Baines e Jaromir Málek (versão americana, Nova Iorque, 1984), onde, ao contrário da maior parte das periodizações que seguem no essencial a divisão dinástica manetoniana, se designa o segundo período de ocupação persa por XXXI dinastia (343-332 a. C.).

Depois começa o catálogo de hieróglifos abrindo com os signos que representam a figura humana masculina em várias posições (A. Man, pp. 15-31), e a figura feminina (B. Woman, pp. 33-35), aqui presente com a

mulher que amamenta o filho (signos B 5 e B 6) e com a mulher chorosa de cabelos em desalinho (signo B 8), evocando os funerais.

Apenas duas divindades foram objecto de atenção (C. Anthropomorphic deities, pp. 37-39), nomeadamente Maet e Heh (signos C 10 e C 11), contrastando com oito partes do corpo humano (D. Parts of the human body, pp. 41-55) e os nove mamíferos aqui seleccionados (E. Mammals, pp. 57-73), a que se seguem várias partes dos mesmos (F. Parts of mammals, pp. 75-81).

As aves (G. Birds, pp. 83-99) e partes dos seus corpos (H. Parts of birds, pp. 101-103) antecedem os anfíbios e os répteis (I. Amphibians and reptiles, pp. 105-109), seguindo-se os peixes e partes de peixes (K. Fishes and parts of fishes, p. 111) e os invertebrados (L. Invertebrates, pp. 113-115).

Passando ao reino vegetal, alguns elementos da paisagem egípcia estão presentes na selecção de árvores e plantas, como a palmeira, o lótus e o papiro (M. Trees and plants, pp. 117-125), a que se juntam vários elementos da natureza celeste e terrestre (N. Sky, earth, water, pp. 127-137), com o céu, o sol, estrela, montanha, horizonte e lago. Alguns signos ligados à construção (O. Buildings and parts of buildings, pp. 139-151) antecipam e evocam a construção naval e a navegação (P. Ships and parts of ships, pp. 153-157), vindo depois os hieróglifos de objectos ligados à vida doméstica, aos funerais (Q. Domestic and funerary furniture, pp. 159-161), ao culto e à iconografia sagrada (R. Temple furniture and sacred emblems, pp. 163-169), aos símbolos de poder dos deuses, da realeza e do funcionalismo (S. Crowns, dress, staves, pp. 171-183).

A guerra e a caça estão presentes com três objectos (T. Warfare, hunting, butchery, pp. 185-189), mas apenas o típico alvião egípcio representa aqui a agricultura (U. Agriculture and crafts, p. 191). O círculo mágico *chen*, a cartela para os nomes reais, o signo de protecção *sa*, o signo *neb* e o chamado nó de Ísis são exemplos do grupo V (V. Rope, fiber, baskets, pp. 193-201), depois vêm os recipientes em pedra e terracota (W. Vessels of stone and earthenware, pp. 203-205), seguindo-se quatro tipos diferentes de bolo (X. Loaves and cakes, p. 207) e, finalmente, o material de escrita, o tabuleiro e os peões do jogo *senet* e um sistro hatórico (Y. Writings, games, music, pp. 209-213).

A fundamental "Sign-list" de Sir Alan Gardiner ocupa as pp. 214-217 com os hieróglifos escolhidos para figurar neste livro destacados a vermelho. Como antes referimos, das muitas divindades antropomórficas

foram seleccionadas apenas Maet e Heh, tendo sido omitidos deuses importantes e com uma tão rica e variada iconografia como Ré (signos C 1 e C 2), Min (signo C 8), Amon (signo C 12) e Ptah (signo C 19). Nos signos M (Trees and plants) não foi mencionado o caule de papiro *uadj* (signo M 13), enquanto o signo Q 1 (o trono arcaico amiúde presente na iconografia) também não foi reproduzido.

É verdade que a intenção não era analisar todas as centenas de hieróglifos egípcios, houve uma prévia selecção para a apresentação de cem signos como se avisa no prefácio. Mas não deixa de chamar a atenção a ausência das várias coroas faraónicas, signos que se incluem no abundante grupo S (Crowns, dress, staves, etc.): a coroa do Alto Egipto  (signo S 1), a coroa do Baixo Egipto  (signo S 3), a coroa das Duas Terras unidas  (signo S 5) e a coroa azul ou *kheprech*  (signo S 7).

Segue-se um glossário (pp. 218-220) e a bibliografia (pp. 220-223), dividida numa bibliografia básica e especializada, e com referências bibliográficas para cada um dos signos apresentados. Na lista básica vêm indicadas as obras que poderão servir de introdução ao estudo da escrita hieroglífica, com breves comentários acerca de cada uma delas. A Obra termina com a indicação da origem das ilustrações (pp. 222-223) e com o índice remissivo (p. 224).

O agradável volume de Richard H. Wilkinson, ligando a escrita e a arte, constitui sem dúvida um proveitoso elemento de consulta que vem na linha dos límpidos trabalhos de Henry G. Fischer sobre a análise integrada e harmónica da filologia, da escrita hieroglífica e da arte.

Luis Manuel de Araújo

MARIO ALIGHIERO MANACORDA, *Leitura laica da Bíblia*, Caminho, Lisboa, 1993, 369 pp, ISBN 972-21-0802-6.

O presente livro é tradução da obra de um Professor de História da Pedagogia nas universidades de Florença e Roma e está integrado na Coleção Universitária, secção de História, em que a editorial Caminho já anteriormente publicara *A origem do cristianismo* e *Os primeiros cristãos*. Estes dados emprestavam à proposta agora apresentada alguma expectativa e seriedade.